

## ELEIÇÕES E DINHEIRO

RAUL PILLA

Sòmente os ricos têm a possibilidade de se fazer eleger com o atual sistema eleitoral — é o que agora se está ouvindo a cada momento. É esta, por certo, uma afirmação excessiva, pois muitos ricos não conseguiram eleger-se apesar do muito que despenderam, e viram-se consagrados outros, que não tinham o que gastar. Mas o voto pessoal, em vez de puramente partidário, admitido pela atual legislação, dá uma situação privilegiada aos candidatos que dispõem de recursos abundantes para a propaganda. E, se não gera, pelo menos há-de favorecer a plutocracia, isto é, a influência e o governo do dinheiro.

A verdade é que foram a seu tempo apontados os males do contraditório sistema que, devendo fortalecer os partidos nacionais pela representação proporcional, nêles introduz o germe dissolvente do personalismo, em tôdas às suas modalidades. Tudo foi em vão, porque, tanto a Assembléia Nacional Constituinte, como o Congresso ordinário em que ela se transformou, estavam afetados de grave surdez. Não ouvia as advertências, ou, se as ouvia, não as queria entender. Debalde foi, portanto, que se propôs a adoção do modelar sistema uruguaio, em que o eleitor vota sòmente em legenda e sublegenda partidárias, e se excluem por completo a cabala, a compressão e o personalismo. Poucos tinham capacidade para considerar a política no terreno elevado das idéias, dos princípios, dos programas, em que o sistema propôsto a situa.

Convém, pois, recolher ao menos esta entre as muitas lições que ministrou o pleito de 3 de outubro.